

Economia - Brasil

Amarga estréia

110 Mercado reage mal à indefinição sobre política monetária gerada pela nomeação de Mantega

SAMANTHA LIMA

A nomeação de Guido Mantega para o Ministério da Fazenda e suas declarações, logo pela manhã, de que o país deveria ter "taxas de juros civilizadas" ecoaram de forma negativa no mercado financeiro durante quase todo o dia de ontem. A Bolsa chegou a operar em queda de 2,9% e o dólar, em alta de 2,9%, com o receio dos investidores sobre a condução da política econômica. Ao fim da tarde, o discurso do novo ministro tranquilizou os analistas, mas não fez frente à previsão de que o aperto monetário nos Estados Unidos vai além do inicialmente previsto – o que pode levar o capital estrangeiro a abandonar o Brasil.

Na Bolsa de Valores de São Paulo, os negócios encerraram em queda de 2,54%, aos 36.682 pontos. O dólar fechou em alta de 1,75%, a R\$ 2,207. O risco Brasil subiu cinco pontos, fechando em 241 pontos.

Antes da abertura dos mercados, Mantega afirmou que, com a inflação sob controle, nada impediria que o país tivesse taxas mais baixas. O nervosismo era agravado pelo temor de que o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, teria o mesmo destino de profissionais técnicos que se demitiram – Joaquim Levy, da Secretaria do Tesouro, Murilo Portugal, da Secretaria Executiva do ministério, e Marcos Lisboa, do Instituto de Resseguros.

O discurso de Mantega na segunda-feira também contribuiu para o nervosismo.

– Ele disse que não fazia parte do BC, mas integrava o Conselho Monetário Nacional. Isso levou à especulação de que poderia atuar para elevar a meta de inflação (este ano, de 4,5%), permitindo afrouxamento dos juros. E, ao comentar que poderia mudar a equipe, sugeriu que poderia dispensar Meirelles – avalia Marcelo Voss, economista-chefe da corretora Liquidez.

Os investidores voltaram à razão por um breve instante quando o governo afirmou que Meirelles seria mantido.

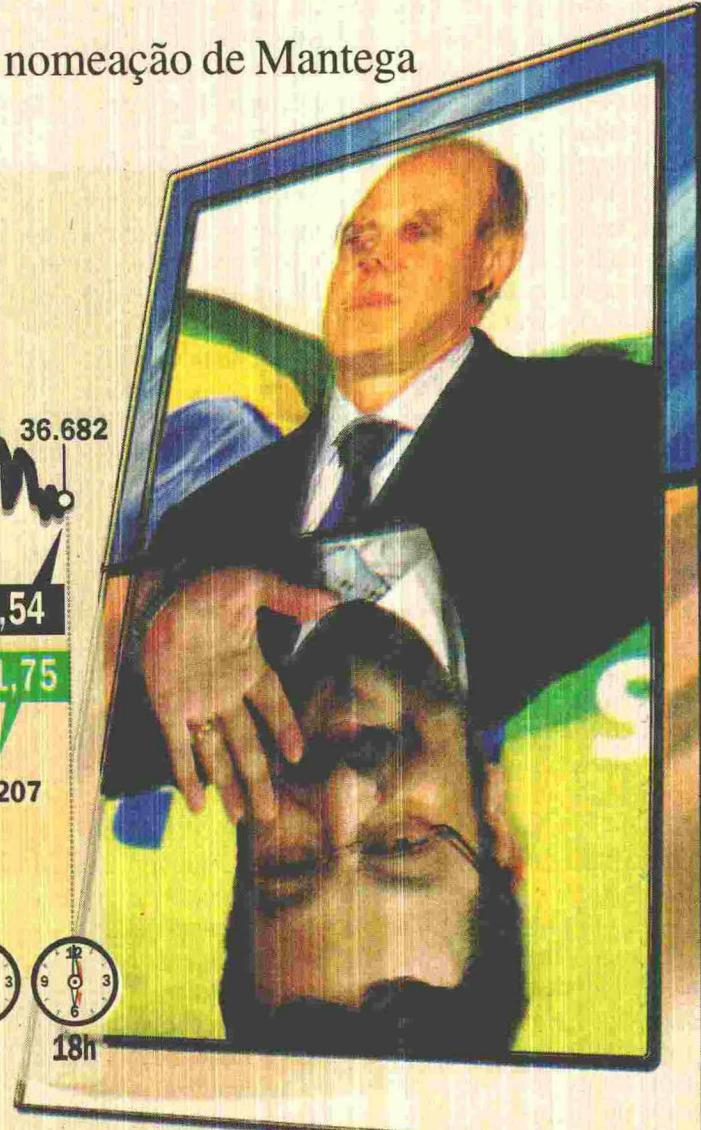
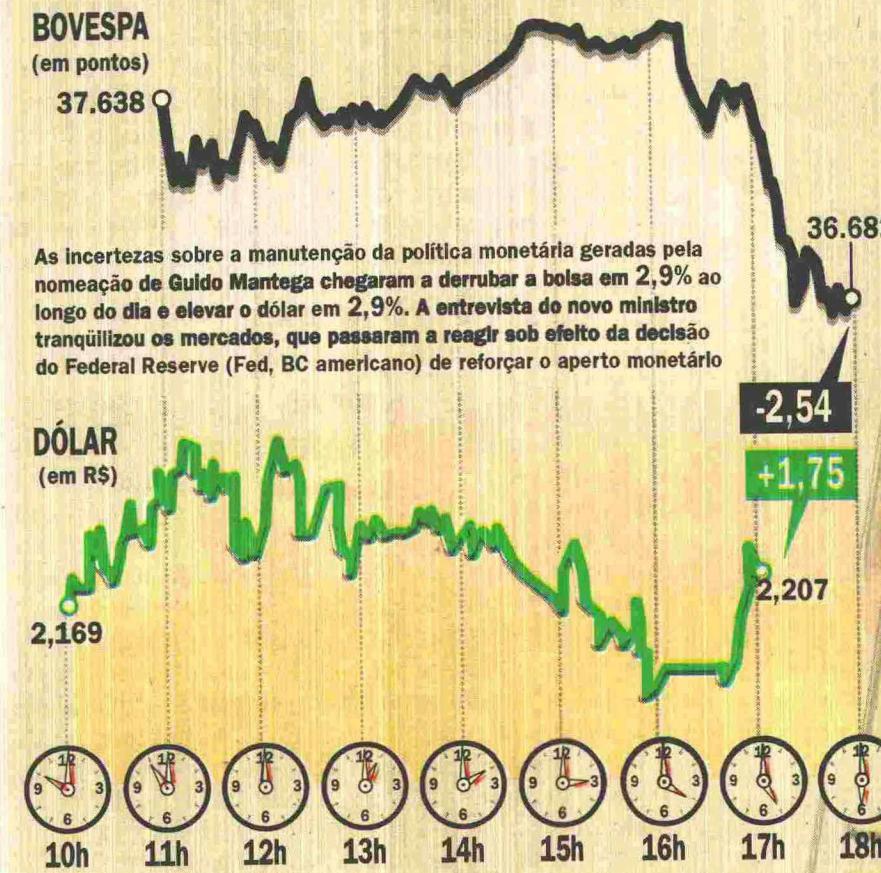
– Com o discurso pela manutenção da política monetária, Mantega indicou que não vai interferir nas decisões do BC. Mas só teremos certeza disso no dia-a-dia – avalia o economista-chefe do ABN Amro Real, Mário Mesquita.

– A presença de Meirelles garante que não haverá mudanças na política monetária. Mas Mantega terá de conquistar a confiança do mercado na prática, em ocasiões como a decisão sobre a TJLP (que baliza as taxas de financiamentos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) – opina Marcelo Mesquita, economista-chefe do UBS.

O efeito positivo gerado pela entrevista de Mantega foi derrubado, porém, pelo anúncio de que a taxa de juros americana foi elevada de 4,5% para 4,75% ao ano.

– O comunicado sobre a decisão do Federal Reserve (Fed, o BC americano) deixou claro que o ajuste da taxa irá além do esperado – comenta Voss.

A elevação dos juros nos EUA torna os títulos americanos mais atraentes ao capital externo em relação aos emitidos pelos governos de países emergentes. A possibilidade de aperto maior nos EUA pode provocar uma fuga de recursos dos mercados de maior risco – caso do Brasil. O resultado se refletiu de forma imediata na Bovespa e na cotação do dólar.



Mercado
reflete
pessimismo
lá fora após
esforço de
Mantega

Os investidores voltaram à razão por um breve instante quando o governo afirmou que Meirelles seria mantido.

– Com o discurso pela manutenção da política monetária, Mantega indicou que não vai interferir nas decisões do BC. Mas só teremos certeza disso no dia-a-dia – avalia o economista-chefe do ABN Amro Real, Mário Mesquita.

– A presença de Meirelles garante que não haverá mudanças na política monetária. Mas Mantega terá de conquistar a confiança do mercado na prática, em ocasiões como a decisão sobre a TJLP (que baliza as taxas de financiamentos no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) – opina Marcelo Mesquita, economista-chefe do UBS.

O efeito positivo gerado pela entrevista de Mantega foi derrubado, porém, pelo anúncio de que a taxa de juros americana foi elevada de 4,5% para 4,75% ao ano.

– O comunicado sobre a decisão do Federal Reserve (Fed, o BC americano) deixou claro que o ajuste da taxa irá além do esperado – comenta Voss.

A elevação dos juros nos EUA torna os títulos americanos mais atraentes ao capital externo em relação aos emitidos pelos governos de países emergentes. A possibilidade de aperto maior nos EUA pode provocar uma fuga de recursos dos mercados de maior risco – caso do Brasil. O resultado se refletiu de forma imediata na Bovespa e na cotação do dólar.